



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ALINE RIBEIRO DO NASCIMENTO

HÁ RACISMO NA OBRA LOBATIANA?

CAMPINA GRANDE – PB
2014

ALINE RIBEIRO DO NASCIMENTO

HÁ RACISMO NA OBRA LOBATIANA?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Esp. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N245h Nascimento, Aline Ribeiro do.

Há racismo na obra lobatiana? [manuscrito] / Aline Ribeiro do Nascimento. - 2014.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

Orientação: Profa. Esp. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro, Departamento de Pedagogia.

1. Literatura infantil. 2. Análise literária. 3. Racismo. I.
Título.

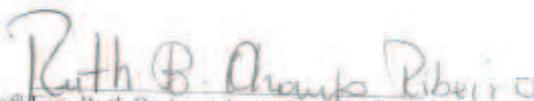
21. ed. CDD 808.068

ALINE RIBEIRO DO NASCIMENTO

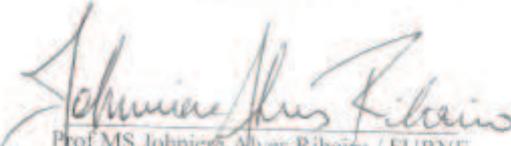
HÁ RACISMO NA OBRA LOBATIANA?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em 14/03/2014.


Prof.^a Esp. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro / UEPB
Orientadora


Prof.^a MS. Katia Cristina de Castro Passos / UEPB
Examinadora


Prof. MS. Johnnie Alves Ribeiro / FURNE
Examinador

HÁ RACISMO NA OBRA LOBATIANA?

NASCIMENTO, Aline Ribeiro do¹

RESUMO

As discussões apresentadas neste artigo analisam a obra *Caçadas de Pedrinho* do autor Monteiro Lobato. Em uma perspectiva de perceber se essa literatura apresenta uma abordagem racista em sua narrativa, uma vez que desenvolvemos um trabalho de leitura desta obra juntamente com algumas crianças de uma escola particular de Campina Grande-PB. No instante em que trabalhávamos esta leitura, percebemos momentos de inquietudes entre alguns alunos. O artigo também aborda a importância da literatura infantil na formação dessas crianças, possibilitando-as a tornarem-se cidadãos críticos e participativos do meio em questão inseridas. O livro “Caçadas de Pedrinho” traz alguns dados importantes quanto à posição que o negro ocupa no imaginário da literatura infantil no Brasil. Podendo inconscientemente conduzir algumas crianças a atitudes racistas entre os colegas. Sendo assim, o presente artigo propõe uma maior reflexão sobre o tema abordado. Acreditamos que este estudo contribui com todos os que se interessam sobre o trabalho com a leitura da literatura infantil e com todos aqueles que analisam essas questões.

PALAVRAS-CHAVE: Lobato. Racismo. Literatura Infantil.

¹NASCIMENTO, Aline Ribeiro, licenciada em Pedagogia. Metodologia empírica: Racismo em obra literária infantil. Campina Grande, 2014. alineribeiro1986@gmail.com

1- INTRODUÇÃO

Sabemos da importância da obra lobatiana para o contexto infantil, no entanto, no decorrer de alguns anos, temos percebido, através de algumas leituras realizadas para nossos alunos, que as obras de Lobato, em especial *Caçadas de Pedrinho*, algumas vezes têm conduzido alunos a momentos de inquietações no ato da leitura. Esse fato levou-me a buscar uma maior reflexão sobre essa questão: há racismo na obra lobatiana?

As discussões apresentadas neste artigo analisam a atitude comportamental de algumas crianças realizada numa escola particular chamada Escola de Ensino Fundamental Santa Izabel, situada na Rua São Vicente, nº907, no bairro Pedregal, na cidade de Campina Grande-PB, a partir da leitura da obra *Caçadas de Pedrinho* do autor Monteiro Lobato. Assim como também aborda a importância da literatura infantil na formação dessas crianças, possibilitando-as a tornarem-se cidadãos críticos e participativos do meio em que estão inseridas.

O tema escolhido despertou interesse quando na escola em que trabalhamos, decidimos realizar, no ano de 2013, uma leitura para nossos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I a partir do livro supracitado. No decorrer da leitura, dois alunos de pele negra encolhiam-se e apresentavam-se inquietos durante certos trechos da história. Nós, enquanto professoras da turma passamos a imaginar que tais alunos estavam se sentindo inferiores por serem semelhantes com alguns personagens do livro lido.

O livro *Caçadas de Pedrinho* traz alguns dados importantes quanto à posição que o negro ocupa no imaginário da literatura infantil no Brasil. Podendo inconscientemente conduzir algumas crianças a atitudes racistas entre os colegas. Um dos trechos da obra afirma a seguinte frase:

“Sim, era o único jeito – e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros”(LOBATO, 1933p.23).

Era trechos como o citado acima, que inquietavam os alunos que sinalizamos anteriormente. Diante da criticidade dos fatos, sentimos a necessidade de realizar uma maior reflexão sobre o tema racismo na obra lobatiana. Então, em outro momento, demos continuidade à leitura e retomamos as observações iniciais: aquele discurso contido em

algumas frases incomodava ou não certas crianças? Será que realmente a obra é racista? A resposta será apresentada no decorrer do nosso trabalho. Esperamos através deste contribuir com todos que se interessam em discutir essa questão presente na obra *Caçadas de Pedrinho*.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Breve histórico da literatura infantil no Brasil

A literatura infantil no Brasil surge com a implantação da Imprensa Régia em 1908 na qual foram publicados os primeiros livros infantis. Anteriormente, as crianças eram vistas como miniaturas de adultos e tinha participação efetiva na vida destes, por isso compartilhavam dos mesmos livros. Nessa época, as publicações eram demoradas e pouquíssimas. O período que veio de fato enriquecer a literatura foi só após a Proclamação da República, no qual surgem os primeiros livros infantis que eram traduções e adaptações da Literatura Europeia.

As primeiras produções nacionais foram desenvolvidas tendo como base exemplos cristão, moralismo cívico e didático da escola. Estas produções eram voltadas para fortalecer os valores do sistema social. Assim, podemos observar que, nesse período, a literatura surge com o objetivo tanto de formar a criança civicamente como mantê-la com um comportamento desejado pelos adultos.

Na década de 80, há uma explosão na Literatura Infantil Brasileira, manifestada pela venda de livros infantis nas associações que buscavam incentivar a leitura infantil, pois o analfabetismo estava em alta e isso prejudicava o desenvolvimento brasileiro. A partir daí, concentraram-se a atenção e a esperança no Ensino Básico. Privilegiando o livro como elemento primordial para um crescimento intelectual e cultural, nesse período surge uma programação cultural promovendo a leitura e resgatando falhas inexistentes no sistema educacional.

Ainda no mesmo período o livro infantil passa a ser um jogo que dá continuidade à linguística iniciada pela criança, pois a leitura não só traz o livro como fonte de prazer e conhecimento, mas como também formação na expressão verbal.

O livro vem também com esse papel de processar essa relação entre o falante e a língua. Hoje, no século XXI, pode-se dizer que a literatura Infantil Brasileira é bastante rica e vasta, pois o mercado de livros infantis oferece boas produções para todas as idades, até mesmo para aqueles que ainda não adquiriram uma leitura proficiente. Podemos dizer que a

literatura contagia as crianças e que as mesmas aprendem, desenvolvem-se cognitivamente, socialmente e afetivamente. Como diz Coelho (2000, p. 29):

Na verdade, desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou ações; e sobre os espíritos, nos quais se expendem as emoções, paixões, desejos sentimentos de toda ordem... No encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade.

Assim, o papel da literatura nos dias atuais nos esclarece e volta nosso olhar para analisar a leitura como uma linguagem resultante de experiências sociais e culturais e, ainda, como a arte que representa o mundo, o homem e a vida através das palavras.

2.2 Apreciando Literatura Infantil.

A Literatura Infantil é o reconhecimento da criança como ser único, individual, compreensível e não um adulto em miniatura, pois o lugar ocupado pela literatura infantil na arte literária reflete o lugar ocupado pela criança na sociedade. Contudo, nem sempre foi assim, pois só a partir do século XVIII, depois de se definir o que “seria infância”, é que temos uma literatura para este público. Como observa Ribeiro (2007):

É notório que a literatura infantil surge assim que é estabelecido, após muitos debates, o conceito de infância em nossa sociedade moderna. Desse modo, a Literatura Infantil, a princípio, servia como um instrumento de comando para o desenvolvimento cognitivo e catártico da criança, é lógico que na atualidade esta ideia vem sendo mudada aos poucos, imprimindo uma ênfase maior ao caráter literário e “hedonístico” que o texto oferta [...](RIBEIRO, 2007,p.6).

Desse modo, a literatura vinda juntamente com esse adjetivo infantil nos leva a pressupor que sua linguagem, seus temas se destinam a um público particular - as crianças. Literatura esta que apostam na invenção, na criatividade e no valor estético. A literatura tem como atividade na sociedade servir como agente formador, seja no convívio da criança com o livro, seja no diálogo ou nas atividades literárias propostas pelas escolas.

A aventura, o prazer no qual se encontra na literatura é uma abertura na qual a criança intervêm, estabelece relações, usa a imaginação, a criação e recriação do seu ambiente de

convívio. Desse modo, a criança quando se depara com esse mundo encantado, se envolve nos inúmeros papéis, experimentando diferentes emoções, os ajudando a construir sua própria identidade e buscar significado para sua existência. Assim convidando Cagneti para nossa discussão:

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e real; os ideais e sua possível/impossível realização (CAGNETI, 1996, p.7).

Descobrir novos mundos, explorar novas realidades aprender a sonhar, tudo isso faz parte da literatura infantil, pois ler é viajar entre o universo das cores e da imaginação.

2.3 Época dos escritos lobatianos.

Na política, o Brasil ficou conhecido como a Era Vargas por ter sido governado pelo presidente Getúlio Vargas e precisamente no período de 1930 á 1933 de Governo Provisório. Nessa época, o Brasil era dividido em duas classes sociais: os produtores de café e a burguesia industrial. Essa burguesia industrial começa a sair da sua passividade e começa a lutar por reivindicações. Para os mesmos o governo demorava muito para realizar mudanças no regime democrático no qual a elite fica enfurecida e coloca policiais por toda parte proibindo as pessoas de se juntarem nas ruas. Desde então, não houve acordo para organizarem as elites do poder. O país se tornou uma agitação social com greves, ocupações de fábricas, um novo rumo para a economia. Nesse governo houve o afastamento dos fazendeiros de café do poder que vinham controlando o Brasil desde 1894 e deu ênfase à industrialização. A indústria passa a ser o maior setor da economia.

No período de Getúlio Vargas iniciou a modernização do país, foram criados vários ministérios: Ministérios do Trabalho e da Indústria; Comércio; Educação e Saúde. Mas, seu grande trunfo nesse mandato foi se dedicar aos trabalhadores e para atendê-los criou a lei da sindicalização, a carga horária de trabalho, direito as férias remuneradas, descanso aos domingos, licença maternidade e proibição de trabalho para menores de 14 anos.

Na educação o Brasil apresenta-se como uma nação que, ao longo de todo o seu contexto histórico, é marcado por sucessivas exclusões no cenário social, sendo um desses principais problemas o sistema educacional, cuja meta principal é o desenvolvimento social, criando programas para combater as desigualdades, a pobreza e o desemprego no país. No

campo educacional houve a instituição do ensino universitário em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, mas sabendo que só quem chegava à conclusão do ensino era a elite brasileira.

Com o início da industrialização no país e com a queda do café, o Ministro da época, Francisco Campos, fez uma reforma na educação, dando regularidade ao ensino secundário construindo mais escolas, porém a maioria da sociedade estava fora dessas escolas. Inconformados com essa situação alguns educadores, tendo como líder Fernando de Azevedo, publicou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova que tinha como base uma escola pública, gratuita e leiga.

Esse manifesto mostrou a necessidade de se criar uma escola que atendesse às necessidades do país e daí começa a ocorrer a participação do Estado na educação. Neste momento, a igreja perde seu poder na questão educacional e isso passa a ser dever do Estado e o mesmo, então, passa a garantir o ensino primário gratuito e obrigatório.

Nesse período, também era muito valorizada a beleza das mulheres, as formas do corpo. Os vestidos eram bastante justos e retos com bastante decote valorizando os seios. As mulheres dessa época deviam ser magras e altas com visual sofisticado.

O cinema procurava despertar a sociedade o que era belo e glamoroso e já incluía shorts e calças no vestuário feminino o que antes era exclusividade masculina. Mostravam sempre mulher sexy e forte. Apesar da educação das mulheres ainda ser voltada para as atividades domésticas, a mesma era exaltada quando se era pura, prendada, submissa e obediente.

Mas, as mulheres negras ainda eram vistas de uma forma diferenciada. Essas eram privadas todos os direitos civis, sujeitas ao coronelismo na condição de “qualquer coisa”. Trabalhavam nas cozinhas das fazendas, cozinham, costuravam, lavavam e arrumavam. E na agricultura semeavam desde as pequenas ervas até as grandes plantações contidas nos engenhos. Algumas ainda se tornavam parteiras, benzedadeiras e temidas feiticeiras.

Além de todas essas funções, a mulher negra também desempenhava o papel sexual do seu senhor o que levou a outro problema social: o surgimento do mulato que até então não estava bem definido para época. As negras e as brancas passaram a disputar o homem branco. Mas, eram apresentadas a esses papéis bem distintos enquanto as negras serviam às necessidades sexuais do senhor, as brancas eram as esposas legítimas as que cuidavam da educação dos seus filhos. Esse período foi marcado por muita humilhação da mulher negra no meio social.

Mesmo nesse contexto em 1931, foi criada a FNB (Frente Negra no Brasil) uma das primeiras organizações do século que lutava por direito iguais entre as raças. E desenvolviam

várias atividades de em caráter político a exemplo de alguns movimentos objetivando manter o negro nas escolas, formar times de futebol, grupos teatrais, musicais, cursos de formação política, de artes e ofício, e até a publicação do jornal *A voz da Raça*. Percebemos então que nessa época já houve um bom avanço em detrimento da negritude brasileira.

2.4 O neto do Visconde de Tremembé

José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) nasceu em Taubaté, São Paulo, dia 18 de abril de 1882. Era filho de José Bento Marcondes Lobato que morreu de tuberculose quando ele tinha três anos de idade e de Olímpia Monteiro Lobato. Sua mãe e os irmãos dela nasceram fora do casamento do Visconde de Tremembé, seu avô, porém, reconheceu a todos. Lobato foi alfabetizado por sua mãe que contribuiu para despertá-lo o fascínio pela leitura, lia dicionários do começo ao fim, lia também todos os livros infantis da biblioteca do seu avô, o Visconde de Tremembé. Lobato perdeu sua mãe muito cedo após ter sido internada em um hospício. Logo após foi morar com suas irmãs mais novas - Teca e Judith - na casa do seu avô, o Visconde, que tinha se casado com a Viscondessa que segundo Lobato era uma mulher chata e cheia de exigências e como ele e as irmãs não a obedeciam levavam a pior.

Suas irmãs foram levadas para um colégio interno e ele para estudar num colégio conceituado e com ideias progressistas. cursou o Ensino Médio em Taubaté e estudou no Instituto de Ciência e Letras na cidade de São Paulo. Ingressou na faculdade de direito do Largo de São Francisco na capital em 1904, onde se dedicou entre duas paixões: escrever e desenhar. Era um escritor bastante exigente, que a cada livro escrito reformulava tudo. Nesse período, venceu um concurso literário promovido pelo Centro Acadêmico XI de agosto. Para ele, escrever era a maneira de ser e por essas exigências consigo mesmo, conhecia a respeito dos mais diversos assuntos: astronomia, arqueologia e tudo o que se possa existir.

Com o seu diploma, voltou a Taubaté, onde prestou concurso para promotoria pública, assumindo o cargo na cidade de Areias, no vale do Parnaíba em 1907. Foi noivo de uma prima afastada Maria Pureza da Natividade (Dona Purezinha), professora, filha de Francisco Marcondes Gouveia Natividade, um bacharel em direito e advogado em São Paulo e de Brasília Souza e Castro.

Lobato conheceu Maria Pureza em Taubaté na casa do seu antigo professor Dr. Quirino, avô dela. Tiveram um longo namoro a distância e casaram-se em 28 de março de 1908, com quem teve quatro filhos: Marta (1909), que casou sem a permissão da mãe, só do pai porque tinha apenas dezessete anos e seu esposo era dez anos mais velho; Edgar

(1910), que era o filho mais ligado a Lobato pois também gostava de escrever, pescar e caçar; Guilherme (1912), que era bastante parecido fisicamente com o pai; Ruth (1916), que foi a companheira constante dos pais, essa não deixava sua mãe sozinha de forma alguma e por isso nunca casou.

Com a morte do avô, o Visconde de Tremembé, herdou a fazenda, onde foi morar com a família. Nesse período, Lobato já escrevia para vários jornais e revistas. Fazia desenhos e caricaturas, demonstrava-se socialmente ser um grande homem. No dia 12 de novembro de 1912, o jornal “O Estado de São Paulo” publicou uma carta sua enviada á redação, com o título “Velho Praga”, que relata a ignorância de um caboclo, criticando as queimadas e a miséria que tornava incapaz o desenvolvimento da agricultura na região. Sua carta causou grande polêmica. Um mês depois redigiu Urupês, no qual surge o personagem símbolo Jeca Tatu, um sujeito preguiçoso.

Monteiro Lobato cansado da monotonia do campo vendeu a fazenda e foi com sua família morar em São Paulo. Com o dinheiro da venda da fazenda, virou definitivamente um escritor jornalista. Muda-se para São Paulo onde começou a colaborar para “Revista do Brasil.” Em seguida, comprou essa revista e a transforma em uma editora. Em 1917, publicou o livro “Urupês” que esgota sucessivas tiragens.

Monteiro Lobato ficou sócio de Marcondes Ferreira e juntos funda a “Companhia Gráfica - Editora Monteiro Lobato”. Com o racionamento de energia a editora faliu o que não acabou com seu projeto editorial e assim surge a Companhia Editora Nacional, na qual tinha livros de vários gêneros textuais, livros impressos que foram de enorme sucesso.

Lobato muda-se para o Rio de Janeiro em 1921, onde suas obras ficaram cada vez mais criativas e assim publicou sua primeira obra infantil “*Narizinho Arrebitado*” que fez o maior sucesso, a partir daí o autor fez outros episódios tendo como personagens: o Saci, que foi criado como forma de assustar a neta Joyce Lobato, filha de Marta, para que a mesma saísse do seu escritório. Também Dona Benta, que era a avó de um colega chamado Pedro, o famoso Pedrinho. Tia Nastácia que era uma ama, escrava que criou suas irmãs Teca e Judith e, é claro a boneca mais esperta do planeta, Emília, que dizem ser inspirada na sua neta Joyce.

Todos os episódios giravam ao redor do “Sítio do Pica- Pau Amarelo” que é um matriarcado onde retrata a vida de Lobato durante sua infância. Ele criou aventuras com figuras bem brasileiras, com costumes da roça e lendas do nosso folclore. E fazia questão de transmitir conhecimento e ideias em livros que englobam todos os componentes curriculares como: história, geografia, matemática, etc.

Em 1922, é nomeado por Washington Luiz, adido comercial nos Estados Unidos e lá ficou fã do Walt Disney que conheceu quando ia fazer visita nos estúdios, ele ficava imaginando o Sítio do Pica Pau Amarelo como um desenho animado igual ao do Mickey e lá nos Estados Unidos permaneceu até 1931. Lobato esteve presente nos momentos marcantes da história do Brasil. Na revolução de 30 veio a São Paulo com muitos projetos, com planos para que segundo ele fosse o tripé do progresso: ferro, petróleo e estradas. Ele estava animadíssimo, queria transformar o Brasil num país rico e próspero. Mas, essas ideias acabaram ferindo interesses de empresas estrangeiras.

Por alguns anos passou-se totalmente dedicado a Campanha de Petróleo, muitas dificuldades surgiram, porém a literatura se manteve. Publicou América (1932) que falava sobre a luta na qual o mesmo participava. Depois Histórias do Mundo para as Crianças (1933) no qual foi censurado pela igreja católica, pois achavam que era um consumismo para as crianças, diziam que nos livros tinham doutrinas perigosas, manipuladoras do caráter, mas ele não ficava chateado e sempre dizia que com essas atitudes a igreja estava colaborando para que as crianças tivessem mais curiosidade em lerem seus livros.

Como ele não tinha medo de enfrentar adversários poderosos enviou ao presidente Getúlio Vargas uma carta com severas críticas à política brasileira de minério, defendendo que a classe social dominante tinha a obrigação de resolver os problemas do país. Essa carta foi tida como subversiva e desrespeitosa e isso fez com que ele fosse preso em janeiro de 1941 na época da Segunda Guerra Mundial, acusado de desmoralizar o conselho nacional do petróleo que tinha como general Horta Barbosa.

Lobato foi condenado a seis meses de prisão. Sua prisão foi um transtorno para sua família porque ficaram sem dinheiro, pois o único sustento que tinham era do trabalho de Lobato. Nesse período, sua irmã Teca estava trabalhando com costura, sustentava a casa de Lobato, até ele sair da prisão. Mesmo preso nunca ficou cabisbaixo.

Após três meses, amigos e intelectuais conseguiram fazer com que Getúlio Vargas concedesse o indulto que o libertou. Mesmo em liberdade não teve mais tranquilidade, assim que saiu da cadeia foi logo operado por um médico, seu amigo, pois saiu de lá mal de saúde, abatido e mesmo assim ainda continuou sendo perseguido.

Em 1943 foi fundador com Caio Prado Júnior, a Editora Brasileira onde negociou com Lobato a publicação de suas obras completas. Posteriormente, tornou-se diretor Cultural Brasil - URSS, mais se afastou do cargo em setembro de 1945, porque foi operado as pressas com um cisto no pulmão. Em 1946, mudou se para Buenos Aires e como diz o mesmo: “fugindo da escassez que assolava o Brasil”, mas antes da sua partida ficou sócio da Editora

Brasiliense convidado por Caio Prado Júnior e lá foram lançadas suas obras completas tanto adultas como infantil.

Na Argentina se associou com alguns amigos e fundou a Editorial Acteon, mas a saudade de sua terra fez o mesmo retornar em 8 de maio de 1947 e estava também bastante indignado com o atual governo Eurico Gaspar Dutra. Dessa indignação escreveu *Zé Brasil* (1947), nele Jeca Tatu homem preguiçoso, vira um trabalhador rural sem terra. Antes o caipira lutava contra doenças, agora tinha no latifúndio seu inimigo.

Os personagens prosseguiam, mas seu criador estava cansado de tantas batalhas. Nesse período apresentou um espasmo cerebral que teve como sequelas um esquecimento de locomoção e escrita, não reconhecendo as letras do alfabeto. Mas, ainda permaneceu com muita força de vontade e reaprendeu. Recuperou-se praticamente sozinho, com uma enorme gana, ficou bem e ainda continuou a escrever. Mas, com todo esse esforço, com toda essa luta o escritor ficou muito abatido e no dia 4 de julho de 1948 foi vítima de um derrame final e morreu aos 66 anos deixando sua imensa obra para crianças, jovens e adultos.

2.5 A negritude no Brasil

A história tem início quando chegam os primeiros escravos vindos do continente africano. No ano de 1549, quando os primeiros grupos desembarcaram em São Vicente. D. João III permitiu que cada colono levasse consigo 120 africanos para suas fazendas, os mesmos ainda reclamaram, pois queriam mais negros em suas lavouras. No Nordeste havia uma maior concentração de negros já que o cultivo de cana de açúcar era a grande economia do país.

Em 1586, a população era de 57.0000 habitantes e desse número 14.000 eram de negros e cada vez chegava mais. Nessas viagens da África até o Brasil eram utilizados navios pequenos e de péssima qualidade, vinham totalmente lotados. Depois de vários dias em porões infectados por mazelas, onde havia muitos mortos, os negros que sobreviviam (as vezes eram menos que a metade dos que haviam embarcado) eram exibidos nas cidades e colocados nas portas dos seus donos. Os homens tinham um pedaço de pano amarrado à cintura no qual saíam puxando e as mulheres um pano maior para cobrir as partes íntimas.

Quando chegavam à casa dos proprietários era ainda mais doloroso, alimentavam-se apenas de carne salgada com farinha de mandioca que eram jogadas ao chão e entre os mesmos havia uma disputa para ver quem se alimentavam melhor para um dia de trabalho na manhã seguinte. À noite, eram levados para armazéns onde eram contados um a um,

trancados e no raiar do dia iam trabalhar. No trabalho sofriam as mais violentas formas de controle onde eram vigiados o tempo todo. Viviam como animais, sem direito algum, podiam ser vendidos, trocados, castigados ou até mesmo mortos sem que ninguém viesse ao seu favor. Eram totalmente propriedades dos seus donos.

O período de trabalho era de catorze a dezesseis horas por dia, sempre fiscalizado por um feitor que não admitia nenhuma distração. Quando achavam que havia algum distraído, aí vinham os castigos, conforme a distração vinha à punição, pendurado num tronco amarrado sobre as formigas ou levando açoitadas em público. Se eles tentassem fugir mandava-se marcá-lo com uma ferradura quente na testa e se voltasse a cometer a fuga cortavam-lhes as orelhas. Tinha vezes que os seus senhores chegavam a enterrá-los vivos, jogados em caldeirões de água fervente, castrados entre outros. Na divisão do trabalho a maioria era destinada a agricultura e o restante aos afazeres domésticos.

Em 1856, o tráfico negreiro começa a desaparecer, pois o açúcar entra em decadência no mercado mundial e assim se iniciava uma crise no mercado escravista. Nessa fase, os escravos começam até um pouco dos seus direitos conseguidos tais como: Lei do Sexagenário: idosos são libertos, porém não tinham pra onde ir; Lei do Ventre-livre: libertavam as crianças, mais elas não se criavam sozinhas tinham que ficar com sua mãe; Extinção da pena de açoite.

A princesa Isabel tida com a redentora dos negros, não foi produto de bondade, mas sim de uma guerra violenta e sangrenta e de um desespero da monarquia desprovida de apoio social e no dia 13 de maio de 1889, morre o império e seu atestado foi assinado pela princesa Isabel dando alforria ao escravo. Porém, a lei foi cumprida, mas a realidade foi muito cruel. Sem moradia, condições econômicas, assistência do Estado, muitos deles não conseguiam empregos e sofriam preconceitos raciais. Passaram a viver em habitações de péssima qualidade e sobreviverem de trabalhos temporários.

Hoje, essa opressão ainda continua em processo. Através da política de inclusão e do governo federal, se tem buscado melhores condições de vida aos afros brasileiros, mas ainda é preciso valorizar a cultura e reparar os prejuízos cometidos durante anos, a exemplo do direito a igualdades. Hoje eles não têm mais seus direitos negados, mas alguns ainda sofrem de insultos morais, preconceitos que estão embutidos em atitudes racistas, concluindo com Cardoso:

Uma das características das práticas de discriminação indiretas vigente no Brasil é que ela costuma aparecer de maneira

dissimulada, sendo por vezes de difícil identificação mesmo para aqueles que sofrem na pele seus efeitos (CARDOSO, 2004, p.82).

2.6 Definindo Racismo

Racismo, segundo o dicionário Aurélio, é “doutrina que sustenta a superioridade de certas raças. Preconceito ou discriminação em relação a indivíduo(s) considerado de outra raça(s)” (2010, p. 578). Em suma, racismo é qualquer forma de separação das raças humanas em considerar algumas melhores que outras. O Brasil é um país bastante popular, são várias as misturas de raças, porém muitas pessoas afirmam que o racismo tem diminuído com o passar dos anos mais ele não deixa de existir. Na maioria das vezes ele surge de forma camuflada que às vezes nem percebemos e ele está por todas as partes: nos shoppings, onde os trabalhadores negros são os vigias, os faxineiros; nos programas televisivos em que seus papéis são de empregada doméstica, o bandido, a prostituta.

No espaço escolar há diversas formas de preconceito, onde inúmeras expressões discriminatórias são de caráter étnico (especificamente negros). As escolas estão imersas a uma cultura discriminatória no qual o outro por ter diferentes características indentedárias e comportamentais é considerado “inferiores”. Porém, a cultura escolar finge não ver, já que está camuflada com a padronização da igualdade, como por exemplo, o sistema de cotas para se entrar num curso superior. Tais problemas existem sim e precisam ser problematizados, pois se não a escola passa a ser um mero reproduzidor de padrões discriminatórios na sociedade.

A construção de novas práticas multiculturais no espaço escolar deve acontecer de forma conjunta com todos que a integram. Tais como:

- Conversa intercultural, favorecendo a autoestima, o respeito, a valorização mútua.
- Formação dos professores em cursos, seminários, oficinas etc.
- Interação da escola com diferentes culturas e etnias etc.

Sabe-se que para essa teoria virar prática exige-se certa persistência, porque estamos inseridos numa cultura de desistência, de fracasso. É necessário paciência, engajamento político, moral, fé, como diz Gimeno Sacristán (2001, p.21), “a fé na educação nutre-se na crença de que esta possa melhorar a qualidade de vida, a racionalidade, o desenvolvimento da sensibilidade, a compreensão entre os seres humanos o decréscimo da agressividade”. E só assim formaremos educadores e educandos atuantes como seres sociais e culturais, construtores de uma sociedade mais justa e democrática.

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

O racismo tem como ponto de partida a diferença dos seres humanos. Mas, o fato de ser diferente ou pertencer a outro grupo não significa que o mesmo seja inferior. Como educadores temos o compromisso de desenvolver temas nesse aspecto em sala de aula, objetivando a formação de alunos politizados sobre essa questão. Sendo assim, com base nos objetivos propostos que apontamos anteriormente desenvolvemos, nessa pesquisa, algumas possibilidades metodológicas. Iniciaremos descrevendo um pouco o campo de pesquisa e, em seguida, comentaremos que recursos foram utilizados para realização da mesma.

Nossa pesquisa foi realizada na Escola de Ensino Fundamental Santa Izabel, situada na Rua São Vicente, nº907, no bairro Pedregal, na cidade de Campina Grande-PB. Essa escola é composta por cento e cinquenta alunos distribuídos em sete salas de aulas. Entre o maternal ao 5º ano do Ensino Fundamental. No entanto, nosso artigo foi baseado apenas na turma do 3º ano do ensino fundamental que funciona no período da manhã. A mesma é composta por doze alunos entre oito e nove anos de idade. Escolhemos essa turma, por atuarmos como professora com esse grupo de crianças.

A pesquisa realizada foi um estudo de caso que pode ser definido, segundo Gonsalves (2007), como um “tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para análise de um fenômeno” (p.69). Para tal, utilizamos a coleta de dados através da reescrita de alguns trechos do livro *Caçadas de Pedrinho*, do autor Monteiro Lobato. Procurando sempre deixar o aluno livre para expressar seus valores e crenças de acordo com sua realidade de vida.

Fizemos a nossa análise a partir do comportamento dos alunos no momento da leitura do livro *Caçadas de Pedrinho*, e da reescrita de alguns trechos que apresentaram alguma inquietação no momento da narrativa. No entanto, das doze crianças que temos em sala, procuramos, através de sorteio, selecionar apenas seis reescritas, as quais representam o perfil da metade da turma. Para melhor compreensão do leitor, dividimos os trechos em I, II, e III e abaixo de cada trecho a reescrita dos alunos. Por questão de ética de pesquisa preferimos não expor o nome das crianças as classificando em: aluno A, B, C, D, E, F.

Espera-se que, com esse artigo, possamos contribuir como suporte para aqueles que se propõem a trilhar caminhos na construção de conhecimentos e, assim, ajudar a quem estiver disposto a engajar nesse tema, de acordo com as situações que forem surgindo no cotidiano escolar.

É bem possível que algumas dificuldades serão encontradas, porém deve-se verdadeiramente ser “um professor pesquisador” como diz nosso estimado Freire (1996). Na verdade, não podemos estar em um espaço de sala de aula e não percebermos as inúmeras situações que precisam ser solucionadas através de uma ampla visão do professor pesquisador.

4. DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

Como de costume, entramos em nossa sala de aula e, como toda manhã, olhamos os rostinhos felizes dos nossos alunos que mais uma vez estavam na expectativa de como seria a aula naquele dia. Estávamos na semana do livro *Infantil*, havíamos pedido aos alunos, em aulas anteriores que os mesmos levassem livros de seu interesse para serem lidos durante aquela semana. E a grande maioria estava com o seu em mãos. Como fazer a escolha diante de tantos? Resolvemos, então, sortear um dos livros trazidos pelas crianças. E o livro sorteado foi *Caçadas de Pedrinho* do autor Monteiro Lobato.

Formamos um círculo e iniciamos a leitura. Os alunos debruçados sobre almofadas prestavam atenção na narrativa. Em algum momento percebemos que dois alunos de cor negra encolhiam-se e sentiam-se envergonhados durante certos trechos da história. A exemplo de:

“É guerra das boas. Não vai escapar ninguém- nem Tia Anastácia, que tem carne preta” (LOBATO, 1933, p.13).

E ainda:

“Tia Anastácia, trepou que nem uma macaca de carvão, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida se não trepar em mastros” (Idem, p.23)

Nós, enquanto professora da turma, passamos a observar que tais alunos estavam se sentindo inferiores por se acharem semelhantes com a o personagem daquela história. Paramos a leitura, em uma parte de suspense para ser continuada em outra aula.

Ficamos imaginando que aqueles trechos possivelmente estavam incomodando alguns alunos da turma, então, sentimos a necessidade de comprovar se o que idealizava era realmente verdade. Alguns dias depois retomamos a leitura do livro. Fizemos uma retrospectiva da primeira parte lida e continuamos a leitura do capítulo em que havíamos

parado. A cena da leitura anterior foi apresentada também nessa leitura. Os dois alunos continuavam se encolhendo a cada palavra que se referia à negritude. Eles se encolhiam como se quisessem se esconder dos outros colegas, com se não quisessem que ninguém percebesse sua semelhança de cor com a cor da personagem Tia Nastácia. Mas a narrativa continuava e por vezes os trechos continuavam aparecendo:

“Sim, era o único jeito – e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros”.(LOBATO, 1933, p.23)

E você pretura? [perguntou Emília a Tia Anastácia]” (Idem, p.41)

- “E guerra e das boas. Não vai escapar ninguém – nem tia Nastácia, que tem carne preta.”(Idem, p.13)

Os referidos alunos apresentavam muita vergonha a cada frase lida. Concluímos a leitura, perguntamos se haviam gostado da história. Muitos disseram que sim, mas nos surpreendemos com dois alunos de pele clara quando afirmaram que havia trechos racistas naquela história. Tentando amenizar a situação, comentamos que na época em que Monteiro Lobato escreveu aquela obra a sociedade era marcada pela luta do negro, pois estávamos pouco a frente da época da abolição da escravatura e, por isso, mencionava-se a figura do negro daquela forma. Mas, que nos dias atuais comentários semelhantes não podem ser ditos. Ainda conversamos sobre um novo olhar do negro na sociedade, suas contribuições com a cultura, educação, política etc. Por fim, solicitamos uma reescritura daqueles trechos para os dias de hoje. Dizendo o seguinte:

“Vamos imaginar que Monteiro Lobato fosse escrever essa história em pleno século XXI. Ao invés dele se referir dessa forma à tia Nastácia, como ele se referiria? Escolha uma dos trechos que você achou forte a expressão e faça a reescrita.”

Assim foram as reescritas:

Trecho I:

“Sim, era o único jeito – e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros” (LOBATO, 1933, p.23).

Reescrita dos alunos:

Aluno A (pele negra):

“Tia Anastácia, subiu naquela árvore com tal agilidade porque passou sua infância se divertindo e brincando na sua casinha que construiu em cima da árvore que tinha no quintal da casa de sua vó e ela mais que ninguém era a melhor pra subir nela.”

Aluno B (pele branca):

“Tia Nastácia, esquecida de seus numerosos reumatismos, subiu com a mesma habilidade de um macaco”

Trecho II

“E você pretura? [perguntou Emília a Tia Anastácia]” (Idem, p.41).

Reescrita dos alunos:

Aluna C (pele branca):

E você moreninha? [perguntou Emília a Tia Anastácia]”

Aluno D (pele branca):

“E você meu chocolate preto?”

Trecho III

“É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém – nem tia Nastácia, que tem carne preta.” (Idem, p.13).

Reescrita dos alunos:

Aluno E (pele branca):

“Não vai escapar ninguém-Nem Tia Nastácia, que é a mais forte

Aluno F (pele branca):

“Não vai escapar ninguém-Nem tia Nastácia que tem a carne dura”

Através da leitura e da reescrita dos trechos percebemos que tanto os alunos de pele negra como os de pele branca, em sua maioria, fizeram questão de mudar os trechos para uma forma mais carinhosa de tratamento. Mesmo tendo a clareza que alguns trechos citados na literatura indiretamente incomodaram algumas crianças, por essa obra apresentar alguns trechos que indiretamente são vistos como racistas.

Mas na reescrita das crianças, percebemos que o respeito ao “diferente” está explícito. A mudança das palavras que incomodavam foi retirada tanto pelas crianças brancas como pelas as negras. E ficamos gratificadas por perceber que o respeito tem se apresentado desde

crianças pequenas. Sabemos que isso já é fruto de um trabalho coletivo desenvolvido entre escola e família. Assim, o contexto histórico de nossa época não ver mais o negro como no século passado, isso se deve ao fato de os temas como racismo está sendo abordados com mais frequência. Além percebemos que a maneira como desenvolvemos debates sobre temas desse tipo, tem contribuído para construção de crianças politizadas desde pequenas. Partindo da conscientização que somos diferentes e precisamos aceitar o outro.

5. CONCLUSÃO

Analisar se existe racismo na obra lobatiana nos faz “tremar as bases”, pois é de extrema responsabilidade, já que Lobato foi um grande escritor brasileiro e por suas obras terem contribuído bastante para o avanço da Literatura Infantil no Brasil.

Sendo assim, a obra lobatiana nos fez perceber que esta sendo aplicada em um contexto de debates em que as discussões são apresentadas de forma reflexivas, contribui muito para que os alunos se politizem e percebam a obra lobatiana não como racista, mas como “ponte” para aceitação da alteridade.

Queremos também lembrar que tais expressões citadas no livro são frutos de uma época escravista a qual Lobato vivia. Sendo assim, o contexto histórico da época tinha que se fazer presente de uma forma ou outra nas obras escritas por Lobato ou por qualquer outro autor do período em questão.

O trabalho realizado “nos caiu como luva”, pois hoje é perceptível perceber como as crianças reagem de forma natural em outras leituras lobatianas, pois nas obras de Lobato a grande viagem das crianças ao racismo é a fantasia de perceber que em alguma época da sociedade existiu pessoas que contribuíram fortemente para o crescimento do nosso país. Para nossos pequenos, é fantástico viajar nas leituras de Lobato com a tia Nastácia, com o tio Barnabé e o Saci Pererê. Basta mergulhar nas belas literaturas escritas pelo neto do Visconde de Tremembé.

ABSTRACT

The discussions presented in the article analyze the work of author's Pedrinho Hunts Monteiro Lobato. In a perspective to understand if this literature addresses a racist perspective in his narrative. Considering that the same was read by us along with some children from a private school from Campina Grande PB. And at the moment of reading was perceived moments of restlessness among some students. The article also discusses the importance of children's literature in the formation of these children, enabling them to become critical and participatory citizens of middle in question entered. The book "Hunted Pedrinho" brings some important data about the position that the black occupies in the imagination of children's literature in Brazil. And may unconsciously lead some children to racist attitudes among colleagues. Thus, the present article Proposes a wider reflection on the topic discussed. We hope through this contribute to all who are interested in reading the same as with us examined these issues.

KEYWORDS. Lobato. Racism. Children's Literature

REFERÊNCIAS

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil.** São Paulo: Brasiliense, 3º edição, 1986.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre.** Rio de Janeiro: Editorial, (1996).

CAMARGOS, Marcia. **Juca e Joyce: Memórias da neta de Monteiro Lobato.** São Paulo: Editora moderna, 2007.

CARDOSO, Luis R. de Oliveira. **Racismo, direitos e cidadania.** Estudos Avançados,nº 18,2004.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação a pesquisa científica**. Campinas São Paulo, Alínea 2007.

GIMENO SACRISTÁN, José. **A educação obrigatória**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora: Positivo Curitiba, 2010.

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. 60. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 [1933].

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global Editora: Ação Educativa, 2006.

NUNES, Valentina. **A década de 30 através da novela Esperança**. Editora: Globo, 2002.

RIBEIRO, J. A. **Cordel e literatura infantil**. Jornal da Paraíba, Caderno 2, Opinião, página 6. 2007.